

SBAT
LIBERADO EXC USUAMENTE
PARA FINS DE CEN
TO. ALI EP. C. TÁ
SUJEITAS A NOVA
REPRESENTANTE N.º 9. G. SUL
NÃO É SÓCIO
Sujeito à autorização
direta do autor

TEATRO NOVO PRODUÇÕES E PROMOÇÕES LTDA

R. Com. Rheingantz, 436, aptº 204 . Porto Alegre - RS

RS

" OS PINTORES DE CANOS"

Peça teatral de HEINRICH HENKEL

Tradução : Irene Aron

Direitos de encenação concedidos por VERLAG DER AUTOREN -FRANKFURT.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

PERSONAGENS -

August Lötscher .
Volker .
Egon, o técnico montador .
O chefe .

Porto Alegre, 27 de fevereiro de 1978

TEATRO NOVO PROD. E PROM. LTDA.


RONALD RADDE - DIRETOR



L.- Obrigado.

C.- (Dá a ele um bloco de recibos e uma esferográfica) Assine.

L.- (Assina e dá o bloco de volta) Obrigado.

C.- (Guarda-o no bolso) Bom! - Mais alguma coisa?
(Olha para os canos)

L.- Não. - Material tem bastante. - Não.

C.- Está bem. - Bom. Mostra ao Volker o que ele tem que fazer e depois: juntem suas forças! - Volker, o Senhor Lötcher vai te mostrar tudo direitinho. E depois espero que você se esforce. - Bem. Eu volto na sexta-feira que vem. Se houver alguma coisa, telefonem para o almoxarifado. Como sempre. Da portaria, sim?

L.- Está certo, chefe, pode deixar.

C.- Bem. - Então. - Bom dia. (Quer sair)

V.- Meu dinheiro?

C.- (Olha para trás) O que? - É claro. Quase que eu ia te esquecendo. (Ele tira o envelope do ordenado e o bloco do recibo, preenche uma folha e passa tudo, junto com a caneta a Volker. Este assina, devolve a caneta e o bloco e rasga o seu envelope.)

C.- Você não diz nada?

V.- Obrigado.

C.- (Apressado) Bem. Então um bom dia prá vocês!

L.- Até logo, chefe.

V.- (Conta o seu dinheiro) Té logo.

L.- (a Volker) Por que você não quis dizer obrigado?

V.- Esqueci. (Ele recoloca as notas no envelope e o enfia no bolso da calça)

L.- (Rindo) Por que é que o velho te escolheu?

V.- Não sei. (Ele caminha para os bastidores e volta imediatamente com uma velha mochila. Coloca-a ao lado dos baldes de tinta e das bacias / de pintura, que estão sobre uma folha de papel diante dos canos.)

L.- Quantos anos você tem?

V.- Vinte.

L.- Moço ainda. - E o que você sabe fazer?

V.- O que é que eu sei fazer?

L.- É. O que você aprendeu?

V.- Eu sei pintar com esmalte e verniz. Colar papel percalina...



L.- Ah.

V.- Forrar grandes áreas. Sei escrever letras. - Imitação de madeira.

L.- Também madeira trabalhada?

V.- Também. - Colar papel de parede. Pintar com pistola. Dourar.

L.- Dourar?

V.- Eu pintei o braço dourado na porta de vidro do Hotel Atlântico.

L.- Numa firma onde você trabalhou de aprendiz?

V.- Foi.

L.- Aqui você tem que pintar canos.

V.- A gente precisa fazer de tudo.

L.- Com quem você estava trabalhando até agora?

V.- Com o Einberger.

L.- Ferdinand? Ele é agora contra-mestre?

V.- É sim.

L.- Eu comecei junto com ele. O que ele está fazendo agora?

V.- Ele está com uma obra do governo.

L.- Reforma?

V.- Construção.

L.- Como mestre de obras?

V.- É.

L.- Quantas pessoas ele tem?

V.- Mais de quarenta.

L.- E você? Por que é que o velho te tirou de lá e trouxe prá cá?

V.- Não sei. - Acho que o Einberger não me queria mais lá.

L.- Você acha?

V.- Acho. Eu queria que ele me desse o dinheiro da condução. Daí ele disse: "nem pense nisso!" Então eu pedi cinco centavos por hora a mais.

L.- E você conseguiu?

V.- Consegui. Mas de repente o velho me mandou vir prá cá.

L.- Por isso? - Então é por isso que você está aqui. Isso prá ele veio mesmo de encomenda. Já posso até imaginar o que ele está querendo com isso. Então é assim. Pintores de cano ganham sempre mais que os outros.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

V.- É. (Toca num dos canos)

L.- (Imita-o) Esses aí não enferrujam.

V.- Por que?

L.- Porque eu pinteí eles.

V.- Quando?

L.- Esses aí já faz uns quatro anos.

V.- (Andando, tenta ter uma visão do emaranhado). Quanto tempo a gente precisa prá isso?

L.- Se eles levam duas mãos, cinco meses.

V.- Duas mãos?

L.- Se eles lá de cima mandam, eu tenho que pintar eles duas vezes.

V.- O velho?

L.- Não. Esse aí diz que eu devo fazer o que a administração manda.

V.- Mas não enferruja. - E por que duas então? Uma mão chega.

L.- Isso eu também não sei. (Volker examina os canos e os baldes de material. Olha dentro do túnel. Lötscher segue Volker com o olhar)

L.- Eu vou te mostrar o trabalho. Presta atenção. Nós estamos no túnel principal. Ele fica entre a sala de máquinas principal "E" e a central de distribuição.

V.- Isso não me diz nada.

L.- Já te mostro. - Tem vinte e nove túneis principais, que têm todos a altura deste aqui.

V.- Assim a gente não acaba nunca.

L.- Nem deve. Conseguir trabalho não é difícil, mas conservar o trabalho, isso sim é difícil. Lembre-se disso. Os túneis de passagem só tem um e meio de altura. A gente tem que andar sempre curvado.

V.- Quantos?

L.- Uns trezentos e quarenta. Mas esses são todos mais curtos. Lá o mais comprido tem mais ou menos sessenta metros de comprimento. Este túnel de canos principal mede duzentos metros. Os dois reatores estão bem longe um do outro.

V.- Hum|

L.- Você está de boca aberta, hein?

V.- Bem grandinho.

L.- No ano que vem vai ser instalada mais uma fábrica de aviões. Eles comprarão agora setenta metros quadrados de terreno alagado.



- V.- Eu pensei que isso era só o fornecimento de energia para a cidade.
- L.- Prá cidade eles só fornecem força por acaso. Eles fazem principalmente alimentos sintéticos e plásticos. E ainda têm refinarias de combustível no Hasselacker.
- V.- O principal é que eles não percam o controle?
- L.- Assim também não. Eu sei o que você está querendo dizer. Aqui a gente não vira um simples número, e é disso que os lá de fora têm medo. Todos dizem isso.
- V.- E então? Isso não é verdade?
- L.- Alguém que sempre trabalhou lá fora, diz, quando a gente conta que trabalha aqui dentro, que isso é uma porcaria, isso não é prá mim. Aí você não é mais ninguém. Mas não é assim, não. Primeiro, como você vê, aqui a gente ganha mais. E em segundo lugar, só são nove horas por dia. Elas passam num instante. E em terceiro lugar, aqui você está bem colocado. Você tem bastante trabalho, o que lá fora nem sempre acontece, depois você tem uma aposentadoria além da sua renda social. E depois, que você pensa| Ah| - Eles têm uma previdência social própria| Um clube de esportes e vários conselhos sindicais| Tudo quase um governo de verdade. Aí a gente vota regularmente| Você tem que ver o clube grande com o salão de música lá do outro lado. Lá tem pistas de boliche, campeonatos de xadrez e de jogos de baralho. Lá tem um teatro grande. Tudo que você pode imaginar. A maioria do pessoal que trabalha aqui só vai prá casa prá dormir.
- V.- Tem também um barzinho com música iê-iê-iê?
- L.- Claro| - Na escola de aprendizes, tem um lugar assim.
- V.- Isso aí sim é que tá prá mim.
- L.- Sim. - Mas você não pode entrar lá.
- V.- Por quê?
- L.- Tudo isso é só pros funcionários da fábrica. Nós somos de uma firma particular.
- V.- Que droga. Por que é que o Senhor está me dizendo tudo isso?
- L.- Não é culpa minha.
- V.- Também não me interessa. Só ia me interessar, se eu pudesse aproveitar tudo isso. Senão não. - Lá fora também não é ruim.
- L.- Ora, o que. - Os fregueses particulares só ficam enchendo a gente. Você tem amolação toda hora. Tudo que você faz, está sempre errado. Aqui você tem sossego. - Os lá de cima dizem o que você tem que fazer, você faz o que eles mandam e fica sossegado. E ganha mais.
- V.- Tá bom. - Onde é o banheiro?
- L.- Se você tiver apertado, tem que andar até o fim do túnel, depois sobe três andares de elevador e vai seguindo as tabuletas.
- V.- Não tem um bueiro aqui embaixo, onde a gente pode dar uma mijada?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- L.- Eu também faço isso de vez em quando. Mas eles não podem te pegar. Tem um bueiro sempre num túnel de passagem.
- V.- Por outro lado; um passeio desses ia ser uma boa distração. Se a gente for e voltar três vezes por dia, o trabalho não fica tão chato.
- L.- Mas é isso mesmo que deixa o trabalho chato. O dia passa mais depressa quando você já tem o trabalho planejado prá esse dia. E tem que se concentrar nisso, - e o dia passa num instante.
- V.- Tem mulheres lá em cima?
- L.- Como?
- V.- Lá em cima. Dá prá ver alguma coisa?
- L.- Não dá mais. Eu sei o que você está pensando. Antes dava. Agora as salas são limpas com uma dessas máquinas. Aqui embaixo vem uma cada dez dias.
- V.- Umhas bonecas de escritório?
- L.- Ah, datilógrafas| Mas não dá nem prá chegar perto delas.
- V.- (Mexe num balde) Que tinta é essa?
- L.- À base de plástico. Com borracha clorada.
- V.- Fede paca|
- L.- Você se acostuma.
- V.- Sempre cinza?
- L.- Você não está vendo? Também tem canos azul e vermelho. Lá no fundo|
- V.- (Os descobre) Ah, lá|
- L.- Em princípio, só tem cinza, azul e vermelho. Mas eles mudam de tom a cada pintura, prá controlar melhor. Além disso, eles têm um aparelho, prá poder medir a grossura da camada de tinta.
- V.- E os pincéis? - Aqueles rolos peludos?
- L.- (Anda até uma das bacias e procura para Volker um pincel redondo de cabo inclinado) Tá, pega esse|
- V.- (Pega-o) Não tô acostumado.
- L.- Com esse vai bem. Mais depressa que com um pincel redondo.
- V.- Não tem luz mais clara aqui?
- L.- Tem sim. - Lá no fundo tem um farolete de mão de 200 velas. Traz ele aqui. (Volker caminha para trás dos bastidores. Lötcher acompanha-o com o olhar. Ele retorna com o farolete de mão)
- L.- (Aponta para cima) Pendura ele lá. - Me dá ele e sobe. (Volker sobe e rasteja por entre a rede de canos. Lötcher lhe dá o farolete. Ele o pendura nos canos)
- L.- Espere, eu te dou tinta e pincel. Você já pode ficar aí em cima. (Ele dá a Volker a bacia de tinta e o pincel. Em seguida, ele também sobe novamente por entre os canos.)



- V.- Vamo pintar agora só o cinza?
- L.- Sim. - Só o cinza. (Enquanto os dois pintam muito lentamente arrasando-se para trás)
- V.- Quanto tempo faz que o Senhor está aqui?
- L.- Como?
- V.- Quanto tempo...
- L.- Vinte e sete anos.
- V.- Mesmo| - Tanto tempo?
- L.- De verdade mesmo trinta e cinco. Mas eu tive cinco anos no exército e três como prisioneiro de guerra. - E depois eu procurei uma coisa segura.
- V.- Tanto tempo assim não vou aguentar aqui não.- Eu não.
- L.- Você não quer ficar aqui?
- V.- Tô dizendo que eu não aguento.
- L.- A gente aguenta sim. Espere só. Qualquer um ia aguentar. No começo / parece ruim. Depois é muito simples.
- V.- Só canos? Sempre, sempre?
- L.- E o que mais?
- V.- Isso não deixa a gente meio besta?
- L.- Nunca percebi nada.
- V.- Eu não devia ter trazido um macacão limpo. Esses canos 'tão cheios de poeira.
- L.- Ah, eu esqueci disso| - Você precisa pegar um pano ou estopa daquela caixa embaixo e umedecer com tricloreto de etileno, daquela garrafa ali e ir sempre limpando um pedaço de cano antes de **pintar**. (Volker desce e segue as indicações de Lötscher)
- L.- Pega mais estopa|
- V.- (Umedece a estopa) Meu Deus, como fede. O que é isso? (Lê) Tricloreto de atileno? (Cheira) Nossa| - A gente fica meio tonto com isso.
- L.- Fica o que| - Só não deve deixar encostar na boca ou numa ferida.
- V.- (Sobe novamente) Mas isso é perigoso. A gente devia receber um pagamento extra pelo perigo.
- L.- Isso não tem aqui não. Por isso é que eles pagam melhor.
- V.- Eles pagam melhor por causa desse trabalho sujo. Mas não por causa desse negócio de cloro aqui.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-028



- L.- Em nenhum lugar você recebe alguma coisa extra por isso.
- V.- Antes, quando os pintores ainda trabalhavam com alvaiade de chumbo, a gente recebia um litro de leite extra. Mas alvaiade de chumbo está proibido agora.
- L.- No começo eu também recebia leite por aqui. Mas depois de uma semana, eu não aguentei mais o leite. Não combina bem, este cheiro e o leite. Então o velho me deu dois marcos por semana em dinheiro. E agora esse dinheiro já está incluído no salário.
- V.- Sim, mas os cinco centavos que eu recebo a mais, são por causa da sujeira e porque eu agora sou pintor de canos.
- L.- E então? Isso não conta? Se você não gosta do cheiro, tem que pedir demissão. E o chefe manda um outro. (Volker limpa os canos)
- L.- Eu no teu lugar, não esquentava a cabeça. É assim mesmo. Quando eu tinha a tua idade, eu tinha que ficar satisfeito com muito menos. Não dava nem para um macacão. Prá isso eu lavava o carro do meu chefe no domingo de manhã. - E hoje você nem agradece pelo teu salário.
- V.- E daí?
- L.- Eu sei. Vocês moços vêm as coisas com outros olhos. Quem sabe é melhor assim. Mas no fim dá no mesmo. Se você conseguir fazer os 200 metros corridos por dia, o resto não importa.
- V.- O que? O túnel todo?
- L.- Não. Metros de cano | - São mais ou menos cinco metros de túnel.
- V.- Ora, você tá doido | Cinco metros de túnel são duzentos metros de cano | - Assim não dá.
- L.- Pode até ser mais. Eu não medi as curvas.
- V.- Espere aí. - São, -são- quarenta vezes duzentos, - oitocentos metros num túnel?
- L.- Num túnel principal.
- V.- Por que esses aí ainda não construíram um robô que pinta essa porcaria de canos?
- L.- Tá ficando louco? E a gente?
- V.- Ficava olhando, como ele trabalha.
- L.- Prá isso eles não precisam de nós. Não. Amanhã a gente ia estar sem emprego. Sabe o que isso significa, não ter trabalho?
- V.- Isso não era problema nosso. Então o Estado ia precisar...
- L.- Nunca te pagam por não fazer nada.
- V.- Mas a indústria vive do nosso dinheiro.
- L.- Você é bobo. Ela vive da pesquisa.



- V.- E pesquisa custa dinheiro, e o dinheiro vem de nós, quando a gente compra as coisas dela.
- L.- Não me venha com histórias. Antigamente era assim. Hoje em dia as indústrias compram os produtos uma da outra. Esses aí precisam de tanto dinheiro pros planos especiais, ah, eles nem mais fazem contas em dinheiro, - que eles já nem precisam dos nossos tostões.
- V.- O senhor não me convence com isso.
- L.- Veja só a eletricidade| A maior parte dela é gasta pela própria indústria.
- V.- (Raspa com uma espátula) Aqui tem ferrugem.
- L.- O que?
- V.- Ferrugem.
- .- Descasque bem antes de pintar por cima.
- V.- Mas o Senhor falou que esses canos não enferrujam.
- L.- Lógico, mas às vezes um cano fica mais frio ou mais quente e a pintura começa a rachar nas soldas. Não se pode fazer nada contra isso. Entra água condensada e enferruja um pouco. - Você tem que pensar, que com o peso do teu corpo, um cano pode começar vazar. Então você tem que deixar esse lugar de lado até que venha alguém prá soldar.
- V.- O que é que sai?
- L.- Do lugar que vaza?
- V.- É.
- L.- Às vezes um líquido e às vezes ar, ou coisa parecida.
- .- Perigoso?
- L.- Perigoso, perigoso| Não| Se alguma coisa fosse perigosa, eles iam avisar a gente.
- V.- Você sabe o que tem dentro dos canos?
- L.- Não.
- V.- É o café da manhã, quando é, afinal de contas?
- L.- Oficialmente, não tem. Mas a gente pode fazer uma pausa para comer um pedaço de pão.
- V.- Pelo menos isso.
- L.- O chefe fecha o olho, porque alguns não aguentam o tempo todo até a hora do almoço. - Faz algum tempo, tinha um aqui, que ia sempre no banheiro para fumar um cigarro.
- V.- Eu não fumo.
- L.- Nem eu.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

V.- Uma vez eu comecei.

L.- E deixou?

V.- Deixei.

L.- Como eu. - Ah| - Decerto o chefe mandou você prá cá, porque você não fuma| - Essas coisas não servem prá aqui. É proibido, sabe?

V.- Então deve ter alguma coisa perigosa aqui.

L.- Não tenha medo. Se você fizer tudo direito, não tem perigo.

V.- Eu trouxe uns sanduíches.

L.- Pode comer alguma coisa sossegado. A esta hora não vem ninguém. (Volker desce, limpa as mãos com estopa e tira da mochila um pacote embrulhado em papel de alumínio e desembulha um pedaço de pão com manteiga. Senta-se sobre um balde de tinta e despeja café na tampa de uma garrafa térmica.)

L.- Vê se não fica muito tempo aí embaixo.

V.- Tá bom.

L.- (Enquanto Volker mastiga) É melhor trabalhar bastante antes do almoço. Daí a gente não se aperta antes de largar o serviço. (Silêncio) (Volker embrulha novamente o seu pão e acaba de beber o café. Fecha a garrafa térmica e põe tudo novamente dentro da mochila.)

V.- Chiii| - Uá tô com esse cheiro na língua. Tem um gosto esquisito. Dia bo|

L.- Mas não é venenoso. O cheiro não. Só tem que ver se as mãos estão / limpas.

V.- Obrigado|

L.- Aqui a gente não pode ter muita frescura.

V.- Você pensa que eu quero pegar uma doença que vá me roendo aos poucos? - Dessas que vão acabando a gente de pouquinho? (Ele sobe novamente / por entre os canos)

L.- Alguma vez você já pintou canos?

V.- Uma vez eu fiz uma sala de aquecimento. Acabei em quatro horas.-- A não ser desta vez, sempre janelas, portas, tinta à base de cola. Já nelas e portas eu pinto melhor. Nos últimos tempos, consegui acabar trinta e quatro janelas em oito horas.

L.- No quartel, com o Ferdinand?

V.- É. - Imagine. Daí ele apareceu e disse prá mim que trinta e quatro janelas estava quase bom.

L.- Isso disse ele.

V.- Disse| O que o Senhor acha disso?



L.- O Ferdinand, esse eu conheço desde o meu primeiro ano de aprendizagem. - A língua dele trabalhava mais que o pincel. o contador de prosa.

V.- Isso mesmo!

L.- Por isso mesmo é que o chefe naquela época não mandou ele e sim eu prá cá. Porque ele não era de confiança. Eu pelo menos até hoje nunca decepcionei o chefe. Você pode botar a mão no fogo. (Lança um olhar sobre o trabalho de Volker.) Ei, vê se não me pinta os canos a zuis!

V.- Não. O pincel escapou uma vez só.

L.- Essa confiança toda que o chefe tem em mim, a gente só consegue depois de muitos anos de trabalho bem feito. - Por exemplo, eu recebo aqui todo ano cem marcos no Natal. Como prova de confiança, diz o chefe.

.- No ano passado também?

L.- Sim, ano passado também.

V.- Então nós recebemos mais. Entre duzentos e trezentos. E o Einberger ganhou o décimo terceiro salário.

L.- Sabe lá prá que vocês ganharam isso. Quem sabe o dinheiro das férias 'tava incluído.

V.- Não, isso a gente ganha extra. Acho que não. No inverno ninguém tem condições de sair de férias.

L.- Mas mais dinheiro de gratificação de Natal do que eu, ninguém pode ter recebido. Essa aí não me convence. Não! - Volker, isso seria **injusto**. Ninguém merece mais confiança do que eu. Lembre-se sempre disso: aqui você é representante do chefe. Da firma. Se você não é de confiança, a gente é despedido. Depois vem uma outra firma. Aqui eu represento a nossa firma, junto com Ferdinand e tudo mais. Nunca esqueça isso.

V.- Eu também represento.

L.- Logo. Quando você tiver mais prática.

V.- (Encosta num cano já pintado) Sacó!

L.- (Observa) Mas também você fez isso errado. (Volker desce e limpa as mãos com estopa)

V.- Minhas mãos 'tão tremendo.

L.- É do tricloreto de etileno. Demais não faz bem prá s mãos. Sabe. Chupa a oleosidade da pele.

(Volker rasteja novamente até o lugar anterior)

L.- Eu fiz um plano prá pintar melhor os canos, sem ficar muito cheio. Primeiro você deve passar o pincel por baixo, no cano que estiver mais longe. Depois o seguinte, visto do seu lugar. Depois o seguinte. E assim por diante. Depois você vem vindo pelo outro lado. Também por baixo. Sempre só meio metro de comprimento. Sempre primeiro o lugar que você não pode mais enxergar depois. E sempre primeiro a vertical embaixo de você, você pinta antes de pintar por cima o cano, onde você está deitado. Entendeu?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

V.- Humm.

L.- E quando você chegar no lugar onde ainda tem uma linha paralela, daí então você pinta essa aí primeiro por baixo, antes de escorregar / prá diante. Assim você não precisa estender o braço no meio dos canos pintados. A gente sempre pinta a camada de baixo primeiro, depois as de cima. Se a gente pintasse primeiro as de cima, ia cair / de vez em quando um pingo de tinta nos canos de baixo, e a gente ia precisar ficar escorregando por entre os canos. - Entende?

V.- Entendo.

L.- E tem que molhar o pincel sempre um centímetro e ficar girando ele na mão, até não cair nenhuma gota e pintar uma linha reta e depois outra na volta, e verificar depois, se não ficou nenhuma falha.

V.- Mas ninguém vê isso aqui.

L.- Ah| Você é que pensa| Eles não me controlam mais tanto nos últimos anos, porque eles nunca acharam nada. O meu trabalho é de confiança. Mas quando eles virem que tem um novo aqui, eles vão controlar mais. Ai de você, se eles acham uma falha. Você ainda não conhece eles. Esses aí vêm com um espelho de cabo longo, e de lanterna e começam a iluminar tudo.

V.- O meu trabalho eles podem verificar.

L.- Não diga isso com pouco caso. (Em silêncio, continuam a pintar)

L.- Aqui embaixo, teve uma vez um metro d'água.

V.- É?

L.- Aconteceu de repente.

V.- É?

L.- Eu 'tava aqui em cima, e de repente começou a cair água que nem uma enxurrada.

V.- E ratos?

L.- Aqui não| - A água foi se juntando. Subia cada vez mais.

V.- E daí?

L.- Eu fui me arrastando aqui por cima té a sala de distribuição. E ela também 'tava cheia d'água.

V.- Nossa|

L.- O pior de tudo era que os canos ali atravessam a parede. Eu não / podia continuar. E não apareceu uma alma.

V.- O senhor gritou?

L.- Aqui você pode gritar à vontade.

V.- E depois?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



L.- Eu só ouvia uns barulhos. Primeiro de água corrente. Depois se arrebentou uma porta do outro lado do túnel e alguma coisa começou a chiar, que nem curto-circuito.

V.- A luz apagou?

L.- Não, a luz não apagou. Só ficou cheirando queimado. E de repente / começou um zumbido por toda parte. Ah! Os ventiladores pararam um minuto. Logo começaram a trabalhar de novo.

V.- E então?

L.- E duas horas depois a água tinha desaparecido, e não tinha nenhum elevador funcionando. E lá atrás, na sala de distribuição, por onde a gente desce a escada, acharam um cara de segurança da fábrica. Afogado.

V.- Afogado?

L.- O pessoal acha que ele quis me tirar daqui.

V.- (Para de pintar) Que nem uma ratoeira.

L.- Afogado.

V.- Da segurança da fábrica?

L.- É.

V.- Existe isso?

L.- Existe sim.- Com revólveres.

V.- (Continua a pintar) Que coisa | (Em silêncio, continua pintando) O senhor tem filhos?

L.- Três filhos.

V.- Nossa, puxa!

L.- Trinta e seis, trinta e cinco e trinta e três. Todos casados.

V.- Então decerto o senhor já é avô.

L.- Sou, um neto do meu mais velho, que mora em Trier.

V.- Algum deles também aprendeu a pintar?

L.- Não. Nenhum. Todos os três são funcionários públicos.

V.- Então pelo menos eles têm uma vida melhor.

L.- Claro. Um funcionário público está garantido até a morte. Isso sem falar da aposentadoria. Eles não podem ser despedidos, se não tiverem feito nada errado.

V.- Isso não se pode em lugar nenhum.

L.- Por exemplo - a Secretaria do Cadastro, onde o meu mais velho está. Sempre vai ter um negócio desses. Precisa mesmo em tempo de crise. Ele tem um emprego bem seguro.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fones 226.0242 - CEP 90020-025



V.- Meu irmão trabalha na Câmara do Comércio e Indústria.

L.- Ou na Secretaria Estatística Nacional, onde o meu do meio está. Lá eles fazem estatística todo ano. Eles sempre fazem isso. Eles têm que fazer isso, porque cada vez tem mais gente. E quando tem eleição, ou então, por causa do que as pessoas ganham ou pensam. Isso é preciso prá que o governo possa ir prá frente. Meus filhos estão muito bem empregados aí. Ali está tudo organizado. Cada um tem sua escrivaninha.

V.- Acho que eu não ia aguentar isso. Escritório.

L.- Você acha?

V.- Ficar sempre sentado numa cadeira, até ser aposentado.

L.- Que nada! - Um marujo fica sempre no navio, um chofer sempre atrás do volante. Cada um aguenta aquilo que está acostumado a fazer. Nós pintamos canos. Tá vendo?

V.- Táí, é isso mesmo. Eu não ia poder me acostumar com isso.

L.- Imagine! Ainda tem muita confusão na tua cabeça. Porque você ainda é moço. Você tem que tirar primeiro essas idéias da cabeça. Espere só, quando você tiver família e tudo vai depender do envelope de pagamento, essas idéias somem e também a confusão. (Continua a pintar em silêncio)

L.- O que sua namorada acha disso? - Se você tiver alguma.

V.- Não sei. - Ainda não tenho nenhuma firme.

L.- Ainda não?

V.- Não.

L.- Coisa esquisita!

V.- Por que?

L.- Eu imaginava que você tivesse meia dúzia.

V.- Besteira. - Por que é que o senhor pensa assim?

L.- Não sei. - Agora que você tem emprego firme.

V.- Nenhuma me convence tão depressa. - E também prá que?

L.- Os moços têm umas idéias esquisitas.

V.- E os velhos mais ainda. Uma namorada firme! O que quer dizer isso afinal de contas?

L.- Ora, uma com quem você...

V.- Quer dizer, uma com quem a gente tem que se casar. Isso é assim / mesmo. Isso quer dizer, que a namorada firme começa a fazer cenas até que ela vire uma maezinha bem chata. Daí você tem que fazer cara de pai orgulhoso, senão ela puxa a tromba.

- L.- E você não quer isso?
- V.- Eu não.
- L.- Então o que é que você quer?
- V.- Ser livre| Gastar meu dinheiro comigo mesmo|
- L.- Minhas três noras trabalham e ganham seu próprio dinheiro. Quase todas fazem assim hoje em dia.
- V.- Assim ainda dá prá mudar de idéia.
- L.- O teu ordenado não chega mesmo prá tudo, que a gente precisa.
- V.- Pois então, se ela fosse trabalhar e tivesse sua própria cama, no seu próprio quarto, aí sim.
- L.- Como?
- V.- Eu não desisto do meu quarto, onde entra e sai quem eu quero. Nunca|
- L.- É, - e se você fosse casado?
- V.- Aí é que eu não desistia mesmo.
- L.- Você não quer cama de casal? Junto?
- V.- Junto? - Como antigamente? (Ri) Isso não dá. O que é que as outras iam dizer?
- L.- Você então já tava casado com tua própria mulher'.
- V.- Não tem importância.
- L.- Mas é esse o problema.
- V.- Eu acho que tô ficando tonto| Pois o problema não é esse. A gente não pode ficar se enchendo a paciência. Senão a gente fica cheio.
- L.- Isso não é verdade. Você acha que a minha mulher e eu ficamos se enchendo a paciência?
- V.- É porque o senhor ainda não percebeu.
- L.- E daí| Às vezes eu gosto que me encham a paciência.
- V.- É mesmo?
- L.- É. Isso sem falar do sexo. - Se por exemplo, ela quer me perguntar alguma coisa. Eu posso ajudar ela, se eu souber responder.
- V.- E se ela lhe perguntar uma besteira?
- L.- Uma besteira? - Ela não pergunta. Se fosse, ela não ia perguntar.
- V.- Se por exemplo ela perguntar, hum, - qual o sentido da vida?
- L.- Eu acho que ela não ia perguntar isso.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



V.- Por que?

L.- Ela crê em Deus. (Silêncio)

V.- O senhor também acredita?

L.- Ts.

V.- Eu perguntei uma bobagem?

L.- Perguntou, sim. (Silêncio)
(Volker desce e umedece a estopa. Em seguida bebe um copo de café.)

V.- O senhor também quer um café?

L.- Não, obrigado.
(Volker sobe novamente por entre os canos e os limpa. Joga a estopa no chão e continua a pintar. Ele precisa espirrar)

L.- Saúde.

V.- Obrigado.

L.- Foi muito gentil de sua parte.

V.- O que?

L.- Que você me ofereceu do seu café. De verdade. Não esperava isso.

V.- Não?

L.- Não. Se bem que... (Silêncio)

L.- Na terça-feira, tô pensando nisso de novo, na terça de noite, voltei prá casa e minha mulher veio prá mim toda feliz e disse, olhe August, venha cá. - Ela me puxou prá sala e me mostrou um vaso grande de plantas em cima da mesa, com uma flor linda, cor de carne. Eu fiquei admirado. Um vizinho deu o vaso prá ela. Você também não acha que ele foi simpático?

V.- Depende da razão.

L.- Eu não conheço o homem direito. Acho que a minha mulher trouxe carne do açougue prá ele algumas vezes. Um dia ele se queixou que cobraram muito dele por carne de vitela e uma outra freguesa disse depois prá ele, que aquilo nem era carne de vitela. Ele ficou muito chateado / porque eles se aproveitaram da ignorância dele. Então a minha mulher se ofereceu prá trazer carne prá ele de vez em quando. Sabe, ele é professor. A mulher dele morreu faz uns quatro anos. - Minha mulher me contou isso no outro dia. - E agora ele deu o vaso bonito prá ela.

V.- Nada mal. (Volker vira-se de costas e escorrega um pouco para adiante. De repente um forte chiado)

V.- Ai! (Ele se desenrosca depressa dos canos, pula até o chão)

V.- O que é isso?

L.- Vazamento. Não faz mal.

V.- Gás?



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- L.- Acho que não. Vai ser desligado logo.
- V.- Tá cheirando.
- L.- (Desce também) É desligado automaticamente.
(Chiado pára)
- L.- (Umedece seu pano com solvente) Você se assustou?
- V.- (Olha para cima) O que o senhor disse?
- L.- (Caminha até Volker) Me chame de você. Por que você me chama de senhor?
- V.- É melhor tomar cuidado com essas coisas. Um dia um colega mais velho disse "seu bestinha malcriado" prá mim e quis me pôr a mão na cara. Ficou uma fera, porque eu chamei ele de você.
- L.- Aqui a gente tá entre nós.
- V.- Você tem razão.
- L.- E quem tem razão, paga um trago| (Ri um pouco)
- V.- Durante o trabalho eu não posso beber nada. Nada de álcool. Senão me dá uma tristeza e perco a pouca vontade que eu tenho de trabalhar.
- L.- E eu não bebo nada. (Ri um pouco)
- V.- Assim também não. Mas não bebo nada quando preciso trabalhar.
- L.- Vou mijar.
- V.- Lá em cima?
- L.- Sim (Sai)
(Volker dá corda no seu relógio. Olha ao redor de si, anda até um manômetro e limpa o seu vidro. Toca-o seguidas vezes e segue com o olhar o cano até o lugar do vazamento.)
- V.- Quebrou ali mesmo. (Observa os ponteiros do manômetro) Zero. - Desligado. - Automaticamente....
(Vai até a sua mochila e tira uma revista "pop" de dentro dela, começa a folheá-la. Uma porta bate ao longe. Ele olha para dentro do cano, guarda a revista novamente. Limpa suas mãos com estopa, examina-as, joga a estopa fora.)
- V.- Porcaria|
- V.- (Esfrega suas mãos muitas vezes nas partes limpas de sua calça. Em seguida faz movimentos rítmicos. Começa a cantarolar.) Pa-ra-ra-pum pum-pa-ra-ra-ra-pum-pum-pum. (Etc.)
(Löttscher retorna)
- V.- (Vai andando ao encontro dele e mostra-lhe o manômetro.) Não tem mais pressão no cano.
- L.- Tô falando. - Logo aparece alguém. Vem, vamos subir de novo. (Sobem novamente ao lugar de trabalho. Enquanto continuam pintando)



- L.- Eu sei.
(Um técnico-montador aparece, puxando um carro de ferramentas. Na mão segura um papel branco com dados)
- T.- Bom dia, "seu" pintor de canos. Aqui deve ter um cano com defeito. Vamos ver o que o "seu cano" andou cuspidando por aqui. (Seu olhar caminha do papel para os canos diversas vezes.)
- T.- Você já sabe onde é o vazamento? (Descobre Volker) Nossa, tem um a mais hoje?
- L.- Bom dia, Egon. Este é o Volker.
- V.- Dia.
- T.- De dois vai mais depressa?
- L.- É claro.
- V.- (Mostra) Ali. É aquele cano estreito.
- T.- (Olha para cima) Não deve ser coisa grande.
- L.- Chiuu um pouquinho.
- T.- Sim, sim.
- L.- Você tem umas fotografias de novo?
- T.- Hoje não.
- V.- Pornografia?
- L.- Faz tempo que não vejo você.
- T.- Também, se não quebra quase mais nada|
(Ele tira um objeto de metal leve do carro, abre-o, transformando-o numa escada de cavalete de dois metros de altura)
- T.- Eu tenho trezentos quilômetros de canos sob minha responsabilidade. (Coloca a escada de cavalete, sobe nela, procura, desce novamente, arruma a escada no lugar, tira do carro uma serra e um mini soldador, coloca os óculos de segurança)
- T.- Fico o ano todo circulando. Graças a Deus isso vai parar| No futuro só vão colocar canos de matéria plástica. Esses só vão ser trocados depois de vinte anos. Então não vai mais ter nada prá pintar. Isso ~~acaba~~. Quem viu à noite o policial do canal doze?
- L.- Eu tava muito cansado.
- V.- Eu não tenho televisão.
- T.- Terrível, digo a vocês| Trabalhou uma dona, de cair o seu queixo. Em cima sem nada, peladinha| Minha mulher me disse, "olhe só prá isso, Egon", disse ela, "olhe só prá isso". "Uma coisa dessas eu nunca vi", ela disse. Eu pensei que me caísse o queixo. Sabe, ela trabalha sempre no "Almoço de domingo". Fica sempre perguntando pro cozinheiro, o que é que ele fez. Disso eu só me lembrei mais tarde. Nesse programa ela está vestida, em cima, quero dizer. Não dá prá ver nada nesse programa. - Mas ontem naquele policial| Minha nossa senhora| Pô, ela tem uns peitos. Coisa linda. - Ela fez o papel do dono da boíte. Uma boíte dessas onde todos andam de peito de fora,

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone 226.0242 - CEP 90020-025



sabem? Homem e mulher sem nada em cima. Ela fez o papel da mulher do dono. O ator fez dois papéis. Em resumo, então, vou contar pra vocês: aquele, que fazia o papel duplo, não tirava a mão boba de uma das moças da mesa e foi com ela pra cama. Depois de ter comido ela, ela quis fazer chantagem com ele. Então ele levou ela pra passear o fim da semana com ele no Rio e liquidou ela no meio da confusão do carnaval. Estrangulou ela ali mesmo na cama. Mas depois se descobriu que aquela, que ele matou, era uma amiga da outra, da aquela que tinha o peitão, - a mulher dele. E aquela com os peitão, era a chefe de um sindicato de chantagistas. Internacional. E de repente ela começa a sentir falta da cúmplice principal. Vejam só - Lógico que ela descobriu que o velho mandou a outra pra melhor. Eu digo pra vocês, a chefe do sindicato, aquela que ficava / toda hora andando na frente da câmara pra lá e pra cá, essa aí chantageou milhões. - E pra isso ela tinha um golpe sensacional. - E - E isso o marido dela desconfiou logo. Ele, que não era nada bobo, formou sua própria quadrilha. Só de assassinos. Vocês sabem, esses não davam em cima de mulher nem mais nem menos. Pois bem | Em todo o caso, agora começa o negócio. O velho vem pra casa, onde a dona já 'tava esperando. - Mas ele trouxe dois guarda-costas junto. Veja a esperteza. - Ela não pode fazer nada. Primeiro. - Depois na cama, ela enfiou um alfinete de chapéu na nuca dele. Mas isso só vem depois. Antes, ela aticou os capangas dele contra as comparsas dela. Imaginem só. Essa tipa com os peito | Usa os capangas dele pra eliminar a própria quadrilha. E leva os milhões dela para a Suíça. Não sei como a polícia descobriu, ficou desconfiada. Eles investigaram - e pensaram que ele estava atrás de tudo isso. Mas certeza, certeza, eles não tinham. E quando ela enfiou o alfinete de chapéu na nuca dele, a polícia ficou desorientada. Não sabiam mais o que fazer. Quem é que tinha matado o cara, então? É | Daí então começaram a investigar o caso desde o começo e pensaram e chegaram à conclusão que ela podia estar metida nisso, nesse negócio. - Depois eles, fizeram uma armadilha, cercaram o palacete todo. Daí ela não teve mais jeito de fugir. E sabe o que ela fez? - Vestiu o casaco de pele dela, sentou numa cadeira e começou a chorar. E quando o delegado quis tratar do caso dela, interrogar, começou a falar com ela com jeito, de repente se ouviu um disparo. O tiro veio pela ja nela aberta. Bem no peito. Morreu na hora | - Então alguém matou ela. Na quarta-feira é a continuação. Tô curioso pra saber quem é que está atrás de tudo isso. Pronto, agora tenho que tapar o vazamento. (Ele solda o lugar. Depois tira os óculos de proteção e desce da escada.)

T.- Puxa, como fede a tinta de vocês. (Guarda novamente a escada e as ferramentas no carro.)

T.- Tá pronto. Frontinho pro trabalho. Você sabe pintar?

V.- Você soldou isso?

T.- Aparelho especial de solda. Tem alguma coisa do princípio dos raios Laser. - Tá. - Hoje à noite às onze horas tem a Rita Pavone de Roma.

L.- A essa hora já tô dormindo.

T.- Nossa, então vai perder um grande programa | E às oito vem um filme italiano no canal um. Quem sabe tem umas cenas fortes. Quem sabe. - É | Vamos em frente. Graças a Deus tem mais filmes coloridos na televisão nos últimos tempos.

V.- Cor de carne. (Ele e o técnico riem).



- T.- É isso. É isso mesmo. - Bem, pessoal, trabalhem direitinho. Que me venham queixas de vocês, tão ouvindo?
- L.- E veja se você trabalha direito pelo menos uma vez|
- T.- Se você tem televisão, você sempre é direito. É isso| Não se esqueça| (Puxa seu carro em frente)
- V.- A continuação na quarta-feira tenho que ver. (Volker cantarola música beat)
- L.- (Monologando)...não conseguiram...não - É caso eles tentaram| Tentaram tudo. - Fizeram considerações... Garantias| - Mas eles precisam de mim. - Não sou tão bobo assim. - Se eu estivesse mais aqui| Eu.- De preferência... eles pensaram. - Mas eles não podem. Ah| Por isso mesmo, precisa ter também gente suja. Só por isso. - De onde vêm as flores? Ah sim| Você vai ver. Ver. - Vai, pode ir. - Faça então. - É| Faça| - Em primeiro lugar: isso não pode ser. - Não, não.- Eles não podem. - ... A gente faz planos à toa. Haha| Não dá certo. Não. Vão pro outro lado. Tss, que nada...
- V.- O que você está falando?
- L.- (Pinta com entusiasmo) O que?
- V.- Tá falando comigo?
- L.- Eu? Não. - Por que você está dizendo?
- V.- Mas você disse alguma coisa.
- L.- Não. - Você deve ter se enganado.
- V.- Você falou alguma coisa.
- L.- Eu falei alguma coisa?
- V.- Falou|
- L.- O que é que eu falei então?
- L.- "Vão pro outro lado" você falou e "os tempos passaram". Você não estava de acordo com alguma coisa. "Vão" você gritou.
- L.- É mesmo? - Que coisa. É a primeira vez que ouço isso.
- V.- Homem de Deus| Não era a minha própria voz que eu 'tava ouvindo|
- L.- É claro| Nunca ninguém me disse que eu penso em voz alta. Mas algumas vezes eu já pensei: "agora você pensou alto".
- V.- E agora mesmo de novo.
- L.- Mas faz pouco tempo. E depois eu não lembro de mais nada. Faz alguns anos| Acho que às vezes eu brigo de verdade. - Gozado.
- V.- Isso acontece de vez em quando.
- L.- Minha mulher já me disse: "August, você está sonhando em voz alta|". Agora só é que tô me lembrando. Mas nunca acreditei nisso. E agora você diz a mesma coisa. - O que será que é isso?
- V.- Isso acontece de vez em quando.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fones: 226.0242 - CEP 90020-025

L.- É. (Em silêncio, continua a pintar)

L.- Eu conheci um cara. Vigava presos. Em Saarlautern. Ele ficava acon- selhando os presos, quando não tinha ninguém perto. - Até que um di a pegaram ele. - Foi transferido depois. - É, eu já ouvi isso algu- mas vezes. A gente fica falando sozinho.

V.- Gozado.

L.- O que foi que eu falei?

V.- Não entendi tudo. Alguma coisa de flores e planos, que eles fizeram à toa, e coisas assim.

L.- Que absurdo. - Bobagem. (Em silêncio continua a pintar)

L.- Na semana que vem, tem um feriado de novo.

V.- Quando?

L.- Na quarta-feira.

V.- O que?

L.- Todos os Santos.

V.- Que dia cai?

L.- Sempre no dia primeiro de novembro.

V.- Mas é um sábado.

L.- Sábado?

V.- É.

L.- Sábado. Lá se foi o feriado. Em compensação, o Natal cai no meio da semana.

V.- É verdade?

L.- Olhei no outro dia.

V.- Tomara. - Olha, lá embaixo tem dois baldes de tinta prá nós.

L.- É?

V.- Eu trago prá cá, quando for de novo no banheiro.

L.- Temos bastante tempo ainda.

V.- Por enquanto.

L.- É.

(Pintam em silêncio)

L.- ~~Hi~~ O que você está fazendo?

V.- Por que?

L.- Você está pintando também os azuis.

V.- Onde?

- L.- Bem que eu falei, só os cinzas. Só os canos cinzas.
(Ele desce no chão. Olhando para cima, anda de um lado para outro.)
- V.- Aonde?
- L.- (Aponta com o dedo) Ali| - Isso não é um cano azul? - Você pintou ele de cinza| Diabo|
(Volker pega o farolete de mão e ilumina os canos.)
- L.- Ali| Lá atrás| Tá vendo?
- V.- Sim, tô vendo. Não tem motivo prá gritar.
- L.- O que eu faço agora? O azul tem sua razão. Eu falei especialmente...
- V.- É, eu ouvi...
- L.- A gente pinta só os cinzas e não os azuis| Presta atenção no que eu digo. - Que é que eu vou fazer agora? Se vem um controle agora e vê isso.
- V.- Mas não é tão grave assim.
- L.- Pare com isso| - Você é que pensa. Com mil diabos, se a gente deixa de tomar conta de vocês por um minuto|
- V.- Vê se não cria caso. A gente pinta o azul por cinza, e pronto.
- L.- Pronto| É simples pronto| Pois sim| Não tem disso por aqui, não. Se você não liga prá nada, pode arrumar suas coisas e dar o fora.
- V.- Tá certo.
- L.- Agora a gente precisa controlar cada metro seu, prá ver se você não deixou alguma falha|
- V.- Pois então controle|
- L.- Assim não dá. Você tem que concordar. Nós vamos prá rua, se o nosso trabalho não for bem feito. Prá você isso não tem importância. Mas prá mim| Como é que eu fico? Vão dizer que eu não fiquei tomando conta de você direito.
- V.- Vê se não complica as coisas. Passe o azul prá cá e eu pinto por cima.
- L.- (Grita) Mas não é esse o problema| Em você a gente não pode confiar|
(Mais calmo) Não liga. Assim não dá. - Como é que você quer chegar/ até lá? Em toda a volta tem tinta fresca|
- V.- Não se pode confiar. - O que quer dizer isso? (Alto)
- V.- Com essa iluminação dos infernos, só pode acontecer isso mesmo| Eu não vi| Não se pode confiar, uma ova| Você acha que eu sou uma co-ruja? Afinal de contas eu não estou trinta anos aqui|
- L.- Isso não me interessa|
- V.- Interessa sim|
- L.- Você como novato precisa prestar mais atenção.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



V.- Acalme-se. Amanhã cedo...

L.- Não seja tão malcriado| - Eu odeio isso| Desce daí| Vai embora| Você é muito malcriado pro meu gosto.

V.- (Desce, grita para Lötcher) Eu fico aqui| E vou continuar a pintar| Tá certo? Eu não deixo que me mandem embora por causa de um erro.

L.- Quem dá ordem aqui sou eu| Você só tem besteira na cabeça. Ou a gente trabalha direito aqui ou você vai embora.

V.- Então você pode continuar o trabalho. Amanhã cedo eu passo tinta naquele lugar.

L.- Amanhã cedo? - Hoje| Depois do expediente.

V.- (Calmo) Você está brincando, não está?

L.- Some| Arrume tuas coisas e vá embora| Aqui comigo você não dá mais nenhuma pincelada. Vai falar com o chefe.

V.- (Segura Lötcher pelo colarinho e grita.) Cuidado| (Baixo) Nós dois vamos continuar pintando cano, velho| E não grita comigo. Vê se não deixa essa porcaria de canos te subir prá cabeça|

L.- (Fora de si) Me largue, seu cachorro| (Afasta-se de Volker) Aqui o chefe sou eu|

V.- Por mim... Mas não desse jeito| Não suporto que me dêem ordem.

L.- Tomara que alguém te ensine **isso logo**|

V.- Eu vou embora quando eu quiser. E agora você não vai falar nenhuma palavra pro velho, senão você vai ficar com saudade do tempo em que pintava esses canos do inferno.

L.- Eles não são canos do inferno.

V.- São canos de inferno, sim senhor| E você perdeu a vida com eles, como se eles tivessem sido feitos só prá você.

L.- (Grita) Toma cuidado, moleque|

V.- Não faz de conta que isso aqui é a sua casa.

L.- Eu não pensei que você fosse tão sem educação| Nunca| Nunca| Nunca|
- Eu ainda quero viver algum tempo... não quero que você me mate de amolação. É melhor você sumir daqui.

V.- Devagar, devagar.

L.- Amanhã você nem precisa vir. Desiste| Tô com o saco cheio de você. Assim não vai. Não.

V.- Homem, agora chega, tá?

L.- Não| Não chega, não| Eu vou sempre...

V.- (Grita) Cala a boca agora|

- L.- ...me lembrar dessa história. Pode gritar comigo à vontade, seu cachorro. Você vai ver logo. Juro pelo meu nome.
- V.- (Agarra-o e o sacode) Me chame mais uma vez de cachorro e eu te quebro os dentes! Seu filho de uma égua. Prá que esse convencimento? Você pensa que é o que?
- L.- (Defende-se) Me larga! Al! Me solta!
- V.- Só por causa dos teus trinta anos? Dessa porcaria de canos? Vai ganhar uma medalha com isso. E se você bater as botas antes, você vai ser substituído. Por vinte Pfennig se arranja um novo! Basta telefonar.
- V.- (Solta-o)
- L.- (Senta-se ofegante sobre uma bacia de tintas) Vocês são assim mesmo. Vocês são os bons. Os bons de verdade. Mal-educados e violentos. Não tem consideração. Tá bom. Espera só. Isso ainda vai mudar.
- V.- Quem é que começou?
- L.- Canos azuis são pintados de azul. E não de outra cor. Prefiro que me matem antes. E não de cinza.
- V.- (Sobe por entre os canos) Vê se você se acalma.
- L.- (Fracamente) Eu tô me acalmando. Você vai ver. Você vai ver. Providência divina. Agora eu sei de tudo. Por isso é que você está aqui. Então é assim. Prá eu ficar nervoso. Mas agora - eu tô calmo. Não vou me amolar mais. Não. - E você, não me pinte mais canos azuis de cinza. Você não vai fazer isso.
- V.- Vou prestar mais atenção agora.
- L.- Disso cuido eu. Pode ter certeza. A minha boa fama ninguém tira. Não. Enquanto eu ainda 'tiver aqui, os canos azuis vão ser azuis e os vermelhos, vermelhos. Depois, não importa mais. Depois não vou poder fazer mais nada mesmo. Mas agora! - Pode ter certeza. Juro pelo meu nome.
- V.- Vem, - vamos continuar pintando. Daqui a duas horas eu retoco os canos azuis.
- L.- Pois é isso mesmo que você vai fazer. Pode ter certeza. Você não vai acabar comigo, não. Ninguém me substitui tão depressa. Isso seria o cúmulo. - Vinte e sete anos. Aqui quem dá ordem sou eu. Eu arco com a responsabilidade. Só eu. Você não. Você ainda vai ter que aprender muito, antes de poder ao menos pensar em substituir.
- V.- Venha prá cima agora.
- L.- (Levanta-se) Nunca eu podia esperar por isso. (Chega com dificuldade ao lugar de trabalho)
- L.- É, nós temos que continuar a pintar. Tempo perdido. Mas isso ninguém vai mais fazer comigo.
- V.- Vê se pára agora. - O caso está esquecido.
- L.- Não, não. Assim depressa, como você pensa, não. Você me atacou. Não vou esquecer isso nunca.



V.- Esqueça. Nenhum de nós vai levar vantagem disso.

L.- Só agora é que você diz isso.

V.- Mas eu tô admitindo o meu erro.

L.- Agora, de repente. (Pintam em silêncio)

C E N A 11

(Cinco meses depois. August Lötscher está deitado entre os canos e pinta. Tosse. Seu pincel cai no chão. Com pernas tesas, ele desce até o chão, apanha o pincel e sobe novamente, continua a pintar. Volker trabalha agora com rotina.)

L.- Isso não devia me acontecer mais.

V.- (Aproxima-se, cantando uma melodia, ele umedece estopa com solvente e sobe no lugar de trabalho entre os canos. Silêncio.)

V.- Encontrei um cara. Perguntou onde eu tava indo. "Banheiro", eu disse. Depois ele seguiu em frente. (Os dois pintam em silêncio)

L.- Ele falou alguma coisa mais?

V.- Não.

L.- Isso não é da conta de ninguém.

V.- Também acho. (Silêncio) Tô pensando faz tempo, se compro uma máquina fotográfica ou não. Faz tempo que tô querendo uma. - (Pausa)

L.- Minha mulher tem uma. Ela já bateu bastante fotografia. Meus filhos também. (Pausa)

V.- As japonesas estão baratas agora. (Pausa)

L.- A da minha mulher é muito boa.

V.- Que máquina é a dela?

L.- É mais antiga. Mas ainda tira boas fotografias. (Pausa)

V.- Eu quero uma com reflexo.

L.- Eu nem sei tirar fotografia.

V.- A gente aprende depressa.

L.- Também não sei guiar carro.

V.- Hoje em dia todos tem medidor de luz automático.

L.- Você quer uma como passa-tempo de verdade?

V.- Ainda não sei. Quando a gente vai viajar. Como lembrança.

L.- Você traz ela um dia aqui?

V.- Prá tirar fotografia da gente?

L.- É.

V.- Vamos ver, depois que eu tiver comprado. - Segunda-feira é dia trinta e um. Vence o aluguel.

L.- Aluguel| - O dono da nossa casa escreveu uma carta. Os juros bancários subiram. Ele tem que aumentar o aluguel. Levei um susto danado. - Mas depois, quando minha mulher e eu fizemos as contas, vimos que ele só aumentou cinco marcos. - E eu pensei logo uns vinte marcos. Isso ia ser pesado. Cinco marcos ainda dá prá aguentar. Mas se fosse sem vinte, - eu ia ter que pedir aumento de salário. Imagine| Pois é.

V.- O melhor mesmo, é a gente ter uma casa.

L.- (Solta um riso abafado) Mas isso só dá, quando a gente pode botar três salários semanais em cima da mesa, em vez de um.

V.- Isso é.

L.- Pode crer.

V.- Se não mais.

L.- Prefiro desistir disso.

V.- Se não durante trinta anos você ia ser o rei da prestação.

L.- (Solta um riso abafado) É isso mesmo. (Volker cantarola uma canção)

L.- Tá quase na hora de largar o serviço.

V.- Mais um dia a menos.

L.- Ainda é quarta-feira.

V.- Depois é quinta, e depois sexta, e sexta é dia de pagamento. Dia de pagamento é o meu dia. E depois é segunda de novo. (pausa)

L.- No domingo joga o Dínamo contra o Arsenal.

V.- Por mim...

L.- Quartas de final.

V.- Isso só ia me interessar como fotógrafo. Por causa das caras que a gente vê por lá.

L.- Eu só assisto futebol pela televisão. Antigamente eu ia de vez em quando pro estádio, é, mas hoje em dia, não. - Não vale a pena.

V.- Mesmo assim eu não vou me comprar uma.

L.- Cada um faz como quer. - Mas espere só, quando você 'tiver casado.

V.- Pois sim| E eu devo me casar? - Afinal de contas, por qué é que você insiste tanto prá eu me casar? - Isso é gozado. Desde que eu estou aqui, você sempre vem com essa conversa.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- L.- Pois é. Um velho tem mais experiência.
- V.- Eu não vou me casar. Nunca!
- L.- Você está parecendo o João-Teimoso.
- V.- Pois então me deixe em paz com essa conversa.
- L.- É bom, quando você chega em casa e a mesa tá posta. Quando alguém passa as tuas camisas.
- V.- Pare com isso!
- L.- Quando você...
- V.- Por favor!
- L.- Tá, não se fala mais! (Silêncio)
- V.- Cinco meses, já são cinco meses demais.
- L.- O que?
- V.- Tô falando: os cinco meses que estou aqui, já são demais prá mim.
- L.- Por minha causa?
- V.- Imagine. - tô dizendo. O tempo passa. Você ainda se lembra da nossa primeira briga?
- L.- "Filho de uma égua"... não vou esquecer nunca.
- V.- E você me chamou de cachorro.
- L.- A gente começou se bater um no outro de verdade.
- V.- É. - Eu tinha vontade de te dar uma surra.
- L.- E eu queria que te mandassem embora.
(Silêncio)
- V.- É, tudo passou.
- L.- Hoje a gente se entende melhor.
- V.- O trabalho não é difícil.
- L.- Rotina. (Pausa)
- V.- Se eu não tivesse tanta azia.
- L.- É, isso vem da comida.
- V.- Principalmente quando como comida de lata, preciso sempre tomar um Combizym.
- L.- É pro estômago?
- V.- Comprimidos prá digestão difícil.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fones 226.8242 - CEP 90020-025

L.- É bom?

V.- É, tomo um depois do almoço e depois de umas quatro ou cinco horas, fico com fome de novo. Antes o meu estômago não fazia a digestão direito e daí- azia.

L.- Você pode me escrever o nome depois? Quanto é que custa?

V.- Combizym? - Mais ou menos quatro marcos.

L.- O médico me deu faz algum tempo um negócio novo. Primperan, ou coisa parecida. A caixa paga. Mas não tá dando muito resultado. Sempre quando eu tomo, eu não tenho mais- hum- mais energia. Eu sinto assim - uma falta de vontade de fazer qualquer coisa. Preciso mesmo me esforçar.

V.-E o médico, que é que disse?

L.- Como? Ah, ele me deu umas gotas prá circulação.
(Silêncio)

L.-Mas agora eu vou comprar essas aí.

V.- Combizym.

L.- Combizym.

V.- (Olha no relógio) Quinze prá três.

L.- Por favor não esqueça de me dar o nome.

V.- Não esqueço, não.

L.- Quem sabe isso me faz bem. Preciso dizer isso prá minha mulher. Ela conhece essas coisas melhor que eu. Faz anos que ela dá remédio prá todo o mundo.

(Longo silêncio) (Volker entoou uma melodia)

L.- Mas em geral tá tudo em ordem. (Volker continua cantarolando)

V.- (Canta) Não tem cadeira aqui, cadeira aqui, prá minha nega, nega, nega, - prá minha nega.. - (Para de cantar) Você conhece esta? Tem uma dona sentada numa boite, sozinha numa mesa, de perna cruzada, bem bacana, fumando. Fumando uma piteira bem comprida. - Vem um cara e dá um empurrão nela. "O senhor é louco?" grita ela. "Não, sou o Barão do Rio Branco" responde ele| (Ele ri tolamente. Volker sorri.) (Pintam em silêncio)

L.- Tá tão quieto aqui.

V.- É. Pintam em silêncio)

V.- Quando eu fico pensando nesses canos, - será que tem uma razão prá isso?

L.- Por que?

V.- Você já pensou nisso uma vez?

L.- Não, por que?

V.- Por nada.

L.- Não. Tive outras coisas em que pensar na vida.



V.- Já me acostumei com elas.

L.- Tá vendo.

V.- É. - Nunca imaginei.

L.- Eu bem que falei. Logo no começo, quando você veio.

V.- Que, por exemplo, isso não é superfície. Isso é... não sei, mas acho: Se a gente mede toda a volta deles e de comprimento, então é uma superfície que a gente pinta. Muitos metros quadrados.

L.- Lá isso é verdade.

V.- Mas a gente não mede. Nós só pintamos eles. São pinceladas que não acabam mais. Não acabam mais. A gente só pinta de comprido, nunca na diagonal. - A gente nunca pensa de verdade nisso. Nunca. É assim e pronto. Sempre de comprido e depois a gente escorrega prá diante.

L.- Eu nem sei o que é que tem de estranho nisso.

V.- Nós achamos isso natural. - O que é natural, a gente acha natural. Os canos não têm fim e nós pintamos sempre de comprido, nunca na diagonal. Se bem que, se a gente...

L.- Vê se não me cansa.

V.- Sabe, se não fossem tantos, isso não teria importância.

L.- Mesmo assim, tanto faz.

V.- É isso, mas se você pinta a vida toda com o pincel, sempre assim, de comprido. Nunca na diagonal| Você pinta automaticamente. Qual é o sentido disso?

L.- Mas dentro do cano corre alguma coisa| - Esse é o sentido da coisa.

V.- Você não está me entendendo. Qual é o sentido disso prá nós| Os canos. Centenas, sim, quilômetros de canos, que não têm fim. Prá nós dois. - Sentido prá nós|

L.- Prá não enferrujar.

V.- Que coisa, August| - A ferrugem prá nós não vem ao caso. - A gente também podia ser padre ou repórter de um jornal ou coisa assim.

L.- E daí? - Aqui a gente cuida prá que os canos não enferrujem.

V.- Mas homem| Mas os canos não iam ser problema da gente, se a gente não 'tivesse aqui|

L.- Tá falando besteira. - Imagine, um padre que tivesse sua congregação, dizendo: "A Igreja não ia ser problema meu, se eu não 'tivesse aqui|" - Isso seria um absurdo|

V.- Mas eu quero dizer uma coisa muito diferente.

L.- Já tô ficando tonto com essa conversa. Vê se pára.

V.- Mas eu queria dizer. - que - é bem natural...isto é, que - (Ri) - nós sempre pintamos canos. Pincelada por pincelada. De comprido. - Se a gente medisse, seriam metros quadrados, mas de comprido...- e eu acho que nós pintamos canos e pensamos o ano todo em coisas bem diferentes, enquanto que a gente fica aqui pensando...canos que não têm fim.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.8242 - CEP 90020-025



L.- Pare com isso.

V.- ...pensando nas nossas coisas, enquanto fica pintando aqui - sempre de comprido, nunca na diagonal. Esse é o sentido dos canos, August. Isso| (Ri) Agora eu pensei nos canos| É isso, é isso mesmo. Que é que você diz disso?

L.- Nada. Vê se pára.

V.- Hiiii| Não seja tão cabeçudo.

L.- Não sou cabeçudo. Mas tudo isso é absurdo.

V.- (Ri) Sentido e absurdo. - Isso é assim. As duas coisas numa só. Con forme o caso. Eu digo sentido. Você diz absurdo.
(Löttscher solta um riso reprimido)

V.- Nós dois temos razão. - Caramba. - Isso é bacana| Agora eu pensei / nos canos. Isso é o sentido| - Você não pensou neles. Isso é absur do. (Volker ri, sacode-se)
(Löttscher espirra seguidas vezes)
(Volker ri mais alto)
(Löttscher olha Volker com cara de bobo)
(O riso de Volker vai crescendo)
(Löttscher faz-lhe o sinal de louco)

V.- É isso|
(Löttscher continua pintando. Volker solta alguns risos abafados e depois ri alto novamente. Löttscher observa-o, ri contra a sua vont ade.)

L.- Que bicho te mordeu?
(Volker mal pode dominar-se. Löttscher pinta novamente. Volker bate com o cabo do pincel primeiramente contra um cano, depois contra / todos os canos próximos. Devido às suas diferentes espessuras, o som é diverso)

V.- Ei| Tá ouvindo alguma coisa?

L.- Pare.
(Volker ri mais alto)

L.- Você está bêbado?
(Volker grita e ri alternadamente)

L.- Agora ele está começando a ficar doido.
(Ele olha para Volker e é forçado a sorrir)

V.- Sim| Sim| Finalmente| Tio August, ria, tá?
(Löttscher solta um riso abafado)

V.- (Perde seu pincel) Prá baixo| - Você vai voltar prá cá imediatamente| Eu ordeno| (Ri muito) August, ali| (Aponta para baixo) Lá em-baixo| uma mancha de tinta bem grande| Meu pincel fez ela sozi-nho| Nossa, como a mancha ficou direitinha.
(Ataque de riso, tosse.)

L.- Vá limpar.

V.- Tá falando sério?



- L.- Vá limpar antes que seque.
- V.- (Ri) August| Tô com medo de você|
(Lötscher ri um pouco)
(Volker salta arrogantemente dos canos, caminha até o pincel e o acaricia.)
- V.- Eu tenho que apanhar você. Que é que você acha?
(Curva-se sobre o pincel, como se quisesse beijá-lo e ouvir o que diz. Lötscher observa-o.) August| Tá se movendo| August, August, a mancha, tá fugindo| Tá procurando um caminho. (Ele toca a mancha com o dedo, dá um pulo para trás assustado.) August| a mancha| Que é isso? Hein?
- L.- Vamos, vem trabalhar. Limpe o pingo de tinta e sobe aqui. (Acesso de tosse)
- V.- (Pega estopa e limpa a mancha. Depois ri) Esse pingo ninguém mais tira. Agora ele está na estopa. Eles se casaram|
(Ambos riem, Volker levanta silenciosa e cuidadosamente o seu pincel e olha-o com surpresa)
- V.- Nem estou reconhecendo ele| - August.
- L.- (Coça a cabeça e o traseiro) Volker, por favor, tenha juízo. Venha pintar de novo.
- V.- (Fica ali vacilante e ergue seu pincel na direção de Lötscher.) Augustinho| Por favor, por favor, não pinte assim. Eu descobri uma coisa. Desça prá baixo. - Este pincel aqui é um ovo|
- L.- (Precisa espirrar, ri.) Nossa mãe| Agora| E - atenção: Atchim| Atchim|
- V.- Você está doente?
- L.- Você está doente?
- V.- Por que?
- L.- Micróbios. Você está com micróbios.
- V.- E daí?
- L.- Mate eles|
- V.- Matar?
- L.- De qualquer jeito|
- V.- (Afasta-se) Você está sonhando. E eu pensei que você não tivesse mais idade prá isso. (Acesso de riso) Eles que vivam. Viva| Venha, vamos dar um viva prá eles.
- L.- Mate eles|
- V.- Viva|
- L.- Mate|
- V.- Viva|

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



L.- Morra|

V.- Viva|

L.- Mor-ra|

V.- Eles têm que viver| E os seus|

L.- Os meus? Eu não tenho nenhum.

V.- Ele não tem nenhum| Ah| Coitadinho dele|
(Acesso de riso)

L.- Você está louco.

V.- Lógico| Tomara mesmo| Sempre mais|

L.- (Ri também) Completamente doido.

V.- Mas você também.

L.- E você então|

V.- E você então|

L.- Você fica louco primeiro|

V.- E depois quem fica louco é você|

L.- Louco mais dois igual a dez.

V.- Mais dez igual a mil.

L.- Mais mil, um milhão.

V.- Micróbios ruins. - Agora a gente se entende de verdade.

L.- Teus micróbios.

V.- Meus?

L.- Meus?

V.- Teus|

L.- Micróbios doidos.

V.- Muitos milhões|

L.- Como gafanhotos.

V.- Malditos puxa-sacos. Vocês vão ver só.

L.- Prôs micróbios nada, tudo|
(Volker joga-se ao chão. Löttscher desce dos canos, espirra, bate com a cabeça contra um cano. Coloca-se de pernas abertas diante de Volker)

L.- Levante|

V.- (Levanta-se cambaleante.) Agora você| Maldito bundudo| No chão|
(Löttscher deita-se o mais depressa possível no chão)



- L.- (Tira um pano de seu bolso) Nós temos que limpar elas. (Quer limpar)
- V.- (Impede-o) Não|
- L.- Me deixa| (Há princípios de briga. Gemidos) Elas têm que sumir|
- V.- Não|
- L.- O chefe|
- V.- (Para) Onde?
- L.- Ele falou.
(Volker levanta-se)
- L.- (Limpa) Assim|
- V.- Pois então limpa| Continue limpando| Limpe, limpe| Limpe, limpe, limpe, limpe|
- L.- Sim senhor|
- V.- O que é que uma mancha dessas fez prá você? Nada|
- L.- Aí você tem razão|
- V.- E você simplesmente limpou elas|
- L.- É, eu.
- V.- Você não tem medo? Elas iam poder te reconhecer um dia?
- L.- Que bobo que eu fui|
- V.- Foi você.
- L.- É. Eu fiz isso|
- V.- Você é o culpado.
- L.- Minha culpa. Minha culpa. Minha grande culpa|
- V.- Assassino|
- L.- Vou endireitar tudo outra vez.
(Ele mergulha o pincel de Volker num balde de tinta e caminha com pincel molhado)
- L.- Você tem razão. (Eles se entusiasmam, correm por toda parte, riem-se e espirram tudo de tinta. Volker rola na tinta e grita. Lötcher olha para cima, com os braços abertos, limpa então o suor da testa com os dedos sujos de tinta.)
- V.- Bonito|
- L.- Viva elas|
- V.- Viva|
- L.- Viva|
- V.- Viva|

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- L.- Nunca mais limpe elas|
- V.- Nunca mais| - Psiu| (Os dois escutam. O pincel pinga.)
- L.- Continue, continue.
- V.- (Agarra os braços de Löttscher) Psiu| - Flop| Po - op| Pl - o- ng...
(Ele grita sonoramente, fazendo eco.) Você não está ouvindo? (Ajoelha-se prestando atenção ao pincel que goteja.) Ahhhhh| Bahhhh| /
- ngi - Teh - eh - schiuu| Ouça só| (Löttscher admira-se)
- V.- Sssss - iuuu| Buuum|
- L.- O que é que você está ouvindo? (Volker pressiona o ouvido no chão)
- L.- (Ajoelha-se) O que é?
- V.- (Olha-o) Você não ouviu nada?
- L.- Nada.
- V.- Dê aqui. (Pega o pincel da mão de Löttscher, caminha até o balde de tinta, e mergulha-o e volta.) Ouça agora bem, bem direitinho|
- L.- (Abaixa-se até o chão, o pincel goteja) É mesmo|
- V.- Não é verdade?
- L.- Noo-ssa| Oh| - Buuuu|
- V.- É essa a solução.
(Não entende mais nada. Em silêncio, eles continuam sua brincadeira. Nisso, um colega parece esquecer do outro. Estão deitados no chão, tentam levanta-se, cambaleando, ficam sentados)
- L.- Volker|
- V.- O que?
- L.- Pare de rir de uma vez| (Risos abafados)
- V.- O que?
- L.- Minha mulher|
- V.- Tua mulher?
- L.- Minha mulher.
- V.- O que? Fala logo|
- L.- (Rindo sem parar) Ela é bem diferente|
- V.- (Arrota) Lógico| Ela é diferente. Você está vendo isso agora? Ela tem que ser diferente|
- L.- Ela não é minha mulher.
- V.- Não| - Ela não é| (Os dois riem mais impetuosamente. O riso forçado dos dois torna-se até o fim do ato mais sofrido, principalmente o de Löttscher. Levantam-se desajeitadamente. Volker bate no ombro de Löttscher. Löttscher bate em Volker na altura da braguilha. Volker joga o corpo para trás, bate em Löttscher também na braguilha.)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 335
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 335
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



L.- (Não reage) Não tô sentindo nada. (Volker bate mais forte.)
L.- (Não se move) Morto.

V.- Morto?

L.- Faz anos já. (Continua rindo)

V.- Anos?

L.- Acabou-se|

V.- Por causa dos canos?

L.- Quem sabe?

V.- (Começa a rir novamente) E eu caí na conversa|
(Pega um pincel e bate violentamente nos canos)

L.- Por favor, não bate nos canos, Volker. Por favor, deixe os canos |
Oh, - não bate nos canos| (Coloca-se incertamente entre Volker e os canos) Pare|

V.- Não|

L.- Eles explodem.

V.- Sim| Mais alto, mais alto|

L.- (Pressiona as mãos sobre os ouvidos) Meu ouvido|

V.- Bata|

L.- Pare|

V.- Amaldiçoe os canos|

L.- Volker| (Volker não bate mais, olha fixamente numa só direção. Lötcher solta um riso abafado em direção a ele, retorna e agarra-se a um cano. Incertamente Volker dá uns passos.)

L.- Nós precisamos...

V.- Sim

L.- Volker?

V.- Sim...

L.- Nós precisamos trabalhar. (Senta-se)

V.- O cano...

L.- Volker, me dá café.

V.- (Caminha até sua mochila) Sim.

L.- O que é que aconteceu comigo?

V.- (Incerto) Espere. (Despeja café de sua garrafa térmica num copo, caminha até Lötcher.)



V.- (Pesadamente e rindo alto) Como eles iam ficar admirados, se uma os canos todos fossem de plástico, e a gente não ia mais precisar pintar eles|

L.- Nunca vai acontecer. Não, Volker, não. Nunca.

V.- Antes disso vão abolir os canos|

L.- Mas agora pare. Você está sonhando? - Sem canos?

V.- É|

L.- Nem você acredita nisso.

V.- Também tanto faz, o que vai vir.

V.- Também acho.

L.- Nós - precisamos continuar - a trabalhar.

V.- É, vem. (Ele ajuda Löttscher a levantar-se e vai com ele até os canos verticais. Löttscher segura-se vacilante. Volker busca seu pincel)

V.- Dá prá subir sozinho?

L.- Não|

V.- Eu te ajudo.

L.- Tudo está parecendo algodão.

V.- (Ajuda Löttscher a subir) É. (Com dificuldade, Löttscher consegue chegar entre os canos. Volker lhe dá o seu pincel. Em seguida incertamente, vai apanhar o seu próprio pincel e igualmente sobe.)

L.- Não adianta.

V.- Nós precisamos. (Pausa)

V.- Aqui em cima o ar está muito mais limpo, mais fresco.

L.- Não.

V.- É sim| Respire fundo. (Os dois respiram, inalam profundamente)

L.- Mas isso não é - ar.

V.- Lógico, August. É sim.

L.- Tinta.

V.- Bobagem.

L.- Certeza|

V.- Não é melhor assim?

L.- É.

V.- Eu também tô me sentindo melhor.

L.- Leve.



- V.- Tá vendo, logo a gente larga o serviço. (Seu riso assemelha-se à tosse contida)
- L.- Eu não quero largar o serviço, Volker.
- V.- Claro. Depois a gente vai beber um trago.
- L.- Mas álcool não.
- V.- Tanto faz.
- L.- Minha mulher - ela briga. (Ambos riam)
- V.- Até agora foi meu dia mais bacana.
- L.- Meu também.
- V.- Nunca ri tanto assim.
- L.- Eu também não.
- V.- É maravilhoso.
- L.- Aqui eu fico.
- V.- Eu também fico aqui.
- L.- Você também.
- V.- Com você.
- L.- Com-migo. A gente ainda vai rir bastante.
- V.- Só agora a gente se entende bem.
- L.- Só agora.
- V.- Desde hoje.
- L.- Nunca vi uma coisa assim.
- V.- Bacana, não?
- L.- Sim, - é muito bom. - - - Você ainda se lembra, quando você me chamava de senhor?
- V.- É, eu ainda me lembro. (Pausa)
- L.- Os outros todos iam ficar muito admirados, se soubessem como é bom aqui. (Ri e tosse)
- V.- Ai eles iam só querer pintar canos também. (Ambos riam alto. Volker bate o seu pincel contra os canos.)
- L.- (Limpa as lágrimas) Nem ia ter tanto cano assim. (Löttscher pega o copo, não pode segurá-lo. O copo cai sobre seu macacão, até o chão)
- L.- Ah...
- V.- (Levanta com dificuldade o copo) Não tem importância. Eu ainda tenho. (Vai buscar mais café)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone 226.0242 - CEP 90020-025



- L.- (Bebe) Obrigado. - O mundo é bonito. (Coloca o copo)
- V.- É. Você está falando com a língua pesada.
- L.- Você também. Minha língua está grossa.
- L.- Nada tem importância.
- V.- Nada, nada|
- L.- Meus ossos 'tão pesados que nem chumbo.
- V.- Os meus também
- L.- Tua cara está cheia de tinta.
- V.- (Um pouco mais alegre) A tua também|
- L.- A tinta parece que está quente.
- V.- (Molha seu indicador no seu balde de tinta) É mesmo|
(Brincando, ele passa o dedo sujo de tinta nos canos.)
- L.- Tá tudo girando.
- V.- Você é uma espiral|
- L.- E você é meu colega. (Dobra-se) Oh, - meus pés tão dormindo. (Ele geme, mas os dois riam)
- V.- Tudo em ordem?
- L.- Sim - sim ...
- V.- Não vá amolecer agora. -
- L.- Trinta e um anos e nenhum dia foi tão bonito. -
- V.- Nem nenhum fim de dia nunca foi tão bonito. -
- L.- Volker. (Pausa)
- V.- O que? - -
- L.- (Respira profundamente) Minhas pernas tão formigando tanto.
- V.- (Acesso de riso) Não vai deixar elas fugirem. (Irregularmente, ele bate nos canos)
- L.- Eu podia rir o tempo todo. - Tudo é - engraçado...
- V.- Vem - nós vamos prá casa. Chega de pintar. (Segura o relógio de pulso diante dos olhos) Ainda não está na hora. Mas a gente vai assim mesmo. (O corpo de Löttscher estica-se um pouco, sua cabeça pende sobre os canos, ele dorme.)
- V.- (Para Löttscher, sem perceber o seu estado) Vamos então? (O braço de Löttscher escorrega, pende entre os canos. O pincel escapa de sua mão e cai ao chão. Volker pinta rindo, sem perceber o incidente. O Técnico Egon aparece, desta vez, sem carro de ferramentas. Na mão, ele sacode uma folha de papel, o relatório de trabalho.)



T.- Fronto| - Consertei os ventiladores prá vocês de novo. A luz de controle 'tava acesa. Nossa, como fede a tinta de vocês.

V.-Olá...Egon...

T.- (Olha em redor de si) O que é que está acontecendo por aqui? O August adormeceu? (Volker ri)

T.-Que sujeira é essa aqui? Tá tudo cheio de tinta. (A Volker) Você| (Volker ri) O que há? O que há com August?

V.- (Melodicamente) Sonhando. (Ri)

T.- (Ri um pouco) Por que é que você ri tão bobo? (A meia voz) Nossa, não faça nada. Me deixe... (Ele sobe até Löttscher e sacode-o cuidadosamente) Ei| August, o que há? - August? | (Para Volker) Ele deu maion| (Desce ao chão. Para Volker) Desça daí| (Volker limpa os olhos, arrota) Vamos, homem| Vocês respiraram muito daquele negócio| (Vai entre os canos e puxa o apático Volker, ajuda-o a descer. Volker senta-se imediatamente. Fica indeciso por alguns momentos.)

V.- August| (Sobe novamente, vira um pouco o rosto de Löttscher, olha dentro de seus olhos. Löttscher geme. Volker ri fracamente, os olhos muito arregalados. O técnico desce novamente.)

T.- Eu vou depressa para cima e vou chamar o médico da fábrica. Tá? - Enquanto isso, você fica tomando conta do August| (Corre)

V.- Tscha-au...

(Silêncio. Em seguida, acesso de riso de Volker. Ele sobe até Löttscher e sacode-o. Limpa o suor do rosto, escorrega mais para perto, rola o peito de Löttscher para os seus joelhos e olha para dentro de seus olhos.)

V.- August... - August| (Ri) August. - O que é que você tem. O Egon / 'teve aqui. Nós temos que continuar a pintar. Vem. A gente vai se divertir, vem, vamos trabalhar. - Pelo menos mais um metro. - Depois a gente larga o serviço. (Sacode-o) Trabalhar, colega.- Vamos| Por favor, se mexe. Vamos, só mais uma vez. - Depois a gente pode ir. (Silêncio) Vê se não dorme, August. - (Olha para o chão) Espere, vou te buscar um pincel. (Desce incertamente, pega o pincel. Com a estopa que está espalhada pelo chão, limpa a mancha, cambaleia entre os baldes, cai. Consegue levantar-se novamente e sobe até Löttscher.) Vem| - (Ele puxa o braço de Löttscher do meio dos canos e aperta-lhe o pincel na mão)

V.- Pegue August, - nós temos que fazer ainda alguma coisa... - pelo menos mais um metro. (O braço de Löttscher escorrega novamente entre os canos, fica balançando, o pincel cai novamente ao chão. As luzes do palco apagam-se imediatamente)